

Olhares sobre elas

Camila Nobrega

camila.nobrega@oglobo.com.br

Quinze anos atrás, as mulheres moradoras da comunidade pesqueira de Barra do Furado, no município norte-fluminense de Quissamã, eram só esposas de pescadores. Tinham baixa escolaridade e não lideravam negócios. Até que o projeto do porto pesqueiro no local foi abortado e, por causa da operação de petrolíferas no local, o preço do peixe e dos crustáceos caiu à metade. Elas começaram um projeto de beneficiamento de pescado e se tornaram aposta da prefeitura e empresas para protagonizar mudanças que tomaram a comunidade mais equilibrada econômica e ambientalmente e menos sexista. Sem saber, estiveram entre as pioneiras de uma tendência que aportou no Brasil e em outros países em desenvolvimento recentemente, apostando no sexo feminino para liderar projetos em direção ao desenvolvimento sustentável e garantir equidade de gêneros. Tanto que a Rio+20, em junho, terá um fórum com as chefes de estado para debater o tema.

As mulheres da comunidade pesqueira de Quissamã ganharam uma kombi frigorífica como compensação ambiental e hoje vendem produtos como croquete, kibe, linguiça e hambúrguer. Tudo feito de peixe e vendido às escolas e creches, para a merenda. Elas agregaram valor sem sobrepesca, e garantiram a segurança alimentar e o desenvolvimento social da comunidade, elevando níveis de educação. Segundo a presidente da Associação de Amigos e Mulheres Pescadoras Artesa-



Leandro Fernandes

MULHERES de Quissamã abriram negócio para salvar renda de famílias em Barra do Furado

NA ÍNDIA, mulheres têm prioridade de acesso ao microcrédito: autonomia financeira

nais de Barra do Furado, Luciana Peçanha, houve mudanças dentro e fora de casa:

— Viramos chefes de família e começamos a administrar o dinheiro da casa, porque ganhamos mais do que nossos maridos. Prioridade é comida na mesa, material escolar, além de remédios e médico. Quando as coisas estão dando errado, o homem fica deprimido, acha que dá para ir almoçar na casa da mãe. Já a mulher vira bicho para defender a família. Foi o que fizemos, e hoje lidamos de igual para igual com eles.

São esses, na prática, conhece na prática os objetivos dos projetos com foco nas mulheres. São programas que visam à sustentabilidade de duas formas. Por um lado, dar

acesso à educação e ao mercado de trabalho garante uma sociedade mais igualitária, reduzindo a privação de liberdade e submissão do sexo feminino imposta histórica e culturalmente. De outro lado, as experiências delas agregam características essenciais ao desenvolvimento social.

Muitos projetos de empresas também têm posto foco nelas, como o Consulado da Mulher, da Whirpool, que apoia mulheres empreendedoras. Marivande Mafra dos Santos foi uma das beneficiadas e hoje lidera a empresa Planeta Retalho:

— Primeiro eu trabalho, depois eu limpo a casa — disse Marivande, rindo. — Ainda estamos alcançando o profissionalismo dos homens, no merca-

do há mais tempo. Mas é essencial a mulher ter espaço reconhecido e planejar objetivos de uma casa, uma comunidade.

É essa a aposta do maior programa de transferência de renda brasileiro, o Bolsa-Família. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, as mulheres representam 92,37% do total de beneficiários do programa, o que equivale a 19 milhões de pessoas. Dados de uma pesquisa do MDS apontam que elas gastam 56% do benefício em alimentação e têm entre as prioridades material escolar, vestuário e remédios. Outro resultado é a redução da dependência financeira, que também está entre as prioridades da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. É in-

clusive uma das formas de reduzir a violência doméstica. Segundo a ministra da pasta, Iriny Lopes, a situação das mulheres no Brasil mostra que pobreza não é só de renda, mas também de dificuldade de acesso.

— Pesquisas já provaram que a mulher tem papel importante na expansão da agricultura orgânica e agroecologia, na economia solidária, e até em um fenômeno recente, dos refugiados em função do clima. Mas tem uma outra questão que fala de sustentabilidade: as brasileiras são maioria no mercado informal e ganham 70% dos salários dos homens na mesma função em empresas. Isso tem que ser discutido. Não basta pensar em papéis específicos, temos que pensar em igualdade de gê-



nero. Levaremos essa discussão para a Rio+20, em junho.

A ministra aposta na aprovação do projeto de lei 6653, conhecido como Lei da Igualdade, ainda este ano, para forçar condições de trabalho mais equilibradas dentro das corporações, além de possíveis acordos firmados na Conferência do Clima, a Rio+20.

A gerente de Programas da ONU Mulheres Brasil e Cone Sul, Júnia Puglia, afirmou que um fórum de mulheres chefes de estado e governo prévio à Rio+20 formulará propostas relativas à equidade de gênero.

— Todas as chefes de estado e governo estão convidadas para o fórum especial. Não se pode mais considerar a sustentabilidade da vida no planeta sem

oferecer a todas as pessoas as mesmas condições e possibilidades. 50% dos seres humanos são mulheres. Mas é uma faca de dois gumes. É preciso ter cuidado para não reforçar a posição das mulheres como cuidadoras da família. Por que só o microcrédito é dado às mulheres? Por que não o crédito grande, os grandes cargos?

Esse tipo de questionamento está começando a ser feito em países onde mulheres têm prioridade para o microcrédito. Mas não há dúvidas de que o crédito pequeno e facilitado por juros baixos tem dado resultados em nações como Índia, Bangladesh e até o Brasil. Esse é o mote do projeto Desenvolvimento Humano em Foco (humaninfo.org), que resultou num do-

cumentário sobre economia solidária e microcrédito com previsão de lançamento para 2013. A equipe de quatro diretores, entre eles Roberto Vilela, viajou o mundo registrando iniciativas. Para Vilela, as diferenças de gênero saltam aos olhos:

— Na Índia, por exemplo, o Sewa Bank, criado antes do Grameen Bank (*do Nobel bengali Muhammad Yunus*), só concede crédito a mulheres, como forma de empoderamento. As mulheres de lá e do Nepal nos relataram que ainda têm muitas restrições de liberdade. Muitas são analfabetas, porque, se a família tem que escolher, manda o homem para a escola. São dependentes dos maridos, muitas vezes em casamentos arranjados, e não

têm acesso a crédito. Por isso, o microcrédito faz toda diferença na vida delas, que abrem seus próprios negócios.

Segundo Vilela, as indianas participantes do Sewa Bank contaram que os maridos não têm acesso a seus saldos no banco. Quando os homens vão ao banco para saber da poupança das mulheres, elas combinam um valor fictício com o gerente. É o jeito de driblar a cultura local, garantindo sigilo. Até porque algumas delas têm a ambição de guardar dinheiro para se livrar do casamento.

No Brasil, as mulheres também se tornaram líderes em projetos de economia solidária, segundo a doutora em Desenvolvimento Sustentável da Unicamp, Emma Siliprandi, espe-

cialista em políticas de segurança alimentar:

— Trabalho com mulheres do campo e elas são as grandes defensoras da agricultura familiar e orgânica. Na hora de pensar em biodiesel, muitos homens pensam em derrubar tudo para plantar mamona e dendê. As mulheres pensam a longo prazo e querem saber como ficam os outros alimentos. A experiência delas traz essa discussão para a balança.

No entanto, a pesquisadora reforçou um alerta: o papel das mulheres no cuidado com os filhos e a família não é natural. É uma atribuição histórica e cultural. Elas não precisam ocupar apenas essas funções. Se não, o resultado pode ser um novo aprisionamento.